

«Para onde, ó esplêndido navio?», perguntava o poeta ao ver, deitado na praia, o grande veleiro a desaparecer no horizonte. Talvez rumasse, tal como ele imaginou, a algum porto no Pacífico; mas é quase certo que esse navio, cedendo a um apelo irresistível, há-de ter algum dia atravessado North Foreland e os Reculvers e entrado nas estreitas águas do porto de Londres, desfilando entre as margens baixas de Gravesend, Northfleet e Tilbury, subindo depois por Erith Reach e Barking Reach e Gallion's Reach, passando pela fábrica do gás e pelas saídas dos esgotos até encontrar, como um automóvel num parque de estacionamento, o lugar que lhe fora reservado nas águas profundas do cais. Uma vez aí chegado, recolheu as velas e deitou âncora.

Por muito românticos, caprichosos e livres que os navios possam parecer, quase não há nenhum que não acabe, um dia, por vir ancorar no porto de Londres.

De uma lancha no meio da corrente podemos vê-los a subir o rio, mostrando ainda todas as marcas da sua viagem. Vêm-se transatlânticos, com as suas altas cobertas, as suas galerias e os seus toldos, os seus passageiros agarrados às malas, ou inclinados sobre a amurada, enquanto os lascarins, logo abaixo, se apressam de um lado para o outro — é o regresso a casa; e todas as semanas aportam às docas de Londres mil desses grandes navios. Avançam majestosamente por entre uma multidão de barcos da marinha mercante, barcaças carregadas de carvão e oscilantes veleiros de velas encarnadas que, apesar do seu ar de embarcações de prazer, vêm carregados com tijolos de Harwich ou cimento de Colchester — pois tudo aqui é negócio; não há barcos de recreio neste rio. Arrastados por uma qualquer corrente invisível, os navios retornam das tempestades ou calmarias oceânicas, do silêncio e da solidão, aos locais de ancoragem que lhes foram atribuídos. As máquinas detêm-se, as velas são recolhidas e, de repente, as garridas chaminés e os altos mastros passam a destacar-se, incongruentes, contra uma fileira de casas de operários ou contra altas e negras paredes dos armazéns. Opera-se então uma curiosa mudança. Os navios deixam de ter atrás deles a apropriada perspectiva de céu e mar, deixam de ter o espaço apropriado para estender os mem-

Londres

21

bros. E ali ficam, aprisionados como altaneiras e aladadas criaturas que alguém tivesse preso por uma pata em terra firme.

Com o mar a soprar-nos no rosto o seu sal, nada mais estimulante do que observar os navios a subir o Tamisa — os grandes e os pequenos navios, os maltratados e os esplêndidos, os navios que chegam da Índia, da Rússia, da América do Sul, os que chegam da Austrália, vindos do silêncio, do perigo e da solidão, navios que passam à nossa frente, regressando a casa, ao seu porto de abrigo. Mas assim que lançam âncora e os guindastes encetam os seus mergulhos e os seus movimentos balanceados, é como se todo o romantismo se esvaísse. Se damos meia volta e desfilamos perante os navios ancorados, em direcção ao centro, deparamos com um cenário que é decerto o mais sombrio que há no mundo. Nas margens do rio alinham-se fileiras de sujos e decrepitos armazéns amontoados sobre franjas de terra aplanada e lamacenta. Um mesmo ar decrepito e de coisa provisória os irmana a todos. Se uma janela se quebra, quebrada fica. O fogo que há pouco enegreceu e empolou a parede de um desses armazéns portuários não o deixou com um aspecto mais triste e desolado do que o dos edifícios contíguos. Por detrás dos mastros e das chaminés dos navios estende-se uma sinistra e assapada cidade de operários. Em primeiro

plano, gruas e armazéns, andaimes e gasómetros la-deiam a margem, numa arquitectura de esqueletos.

Quando, de repente, após acres e acres de tal desolação, deparamos com uma velha casa em pedra, erguida num verdadeiro campo, entre maciços de verdadeiro arvoredos, a visão parece-nos desconcertante. Será possível que haja terra, que em tempos tenham existido campos de cultivo sob toda esta desordem e desolação? Árvores e campos parecem sobreviver aqui de forma incongruente, como vestígios de uma outra civilização, por entre as fábricas de sabão e de papel de parede que destruíram velhos prados e courelas. Ainda mais incongruente é a velha igreja por que passamos, cujos sinos se fazem ouvir ainda, e que conserva o seu verde cemitério local como se houvesse ainda gente a atravessar aqueles campos para assistir à missa. Mais adiante, uma pousada com varandas em arco apresenta ainda o estranho ar de dissipação próprio dos locais dedicados ao prazer. Este foi, em meados do século XIX, um lugar referenciado pelos foliões, e chegou a ser mencionado no contexto de alguns dos mais famosos casos de divórcio da época. Agora que o prazer se foi, ficou só o trabalho; e a pousada, ao abandono, ergue-se hoje como uma bela, engalanada com os seus mais belos atavios nocturnos, contemplando as planuras de lama, as fábricas de cera e aqueles amontoados de ter-

ra malcheirosa (sobre os quais os camiões despejam continuamente novos montes) que vieram substituir por completo os campos onde, há cem anos atrás, os amantes vagueavam e colhiam violetas.

À medida que subimos o rio em direcção a Londres, vamo-nos cruzando com os detritos que descem da cidade. Barcaças repletas de baldes velhos, lâminas de barbear, restos de peixe, cinzas e jornais — tudo aquilo, enfim, que deixamos na berma do prato ou atiramos para o lixo — despejam as suas cargas neste local, o mais desolado que existe à face da terra. Dessas grandes lixeiras, que servem de abrigo a inumeráveis ratazanas e onde crescem umas ervas grosseiras, repulsivas, elevam-se colunas de fumo, desde há cinquenta anos. O ar é áspero, acidulado. Os montes de lixo vão-se tornando cada vez mais altos, mais compactos, e mais íngremes as suas vertentes feitas de latas velhas; e os seus cumes de cinza vão-se tornando cada vez mais abruptos, ano após ano. Mas nesse local, por entre toda esta sordidez, eis que desliza, indiferente, um grande transatlântico, com destino à Índia. Passa por entre barcaças de lixo e de despejos, por entre dragas, em direcção ao mar. Um pouco adiante, na margem esquerda, somos surpreendidos com uma visão que vem, uma vez mais, perturbar por completo o nosso sentido das proporções: deparamos com o que parecem ser os